

NA SESSÃO DE ABERTURA ²¹

DO SIMPÓSIO ¹⁴

Senhor Presidente

Excelências

Senhores Ministros

Senhores e senhoras Delegados

Cariós Amigos

Regozijo-me com o facto de o Presidente Aristides Pereira e o seu Governo ~~terem~~ terem tido a iniciativa de organizar este Simpósio ~~de~~ sobre o ~~somente~~ Amílcar Cabral. Estas ~~de~~ jornadas de estudo vêm, com efeito, na hora própria.

E de facto, a África está actualmente no fundo do abismo, e mais fenebre do que se julga, do que se diz. Mais recentemente o funcionamento da OUA está bloqueado, mas, sobretudo, a nossa Organização corre o risco de se dividir em bocados. A isso se deve acrescentar que nunca a situação económica e financeira tinha sido tão catastrófica. Fazer um juízo, o ano passado, em apenas um ano, os preços das nossas principais matérias-primas caíram de 22 para 10 por cento.

Precisamente, na confusão que é a nossa, o exemplo e o ensino de Amílcar Cabral podem, devem trazer-nos luz e conforto.

Com efeito, Cabral era não só um homem de cultura mas ainda um homem de lucidez e de medida: um mestiço no sentido mais nobre da palavra. Ele sabia e dizia que a verdade não era ~~em~~ dada antes de tudo; que ela nascia do

filosofia, por dizer, da confrontação, melhor ainda, da sim-⁽²⁾
biose entre ideias e temas opostos.

Entre a cultura e a política, a poesia e a ciência, a teoria e a acção, o combate pela descolonização e a luta pela civilização do universal, ele tinha escolhido não escolher. Quem dizer que ele tinha escolhido a simbiose viva, dinâmica, criadora entre as duas formas de actividade.

Só esta via, a de Amílcar Cabral, que nos ajudará a resolver os nossos problemas africanos de hoje, tal como os apresentei no começo.